

IGREJA
LUSITANA
COMUNHÃO
ANGLICANA

TRIMESTRAL
ABRIL 2026

Nº 194
€1.50

o novo despertar



DESTAQUES NESTA EDIÇÃO



Pág. 11

Via Sacra Ecuménica em Vila Franca de Xira



Pág. 13

Uma jornada para crescerem como casal



Pág. 18 e 19

Sou Sarah serva de Jesus Cristo



Pág. 24 e 25

A terra a partir da Amazônia

CAMPANHA 2026 - ASSINATURA ANUAL 10€ E ASSINATURA BENEMÉRITO 15€



963 037 073



IBAN PT50 0033 0000 00005468868 81

COM INDICAÇÃO: ND 2026 + (NOME) + NIF (NÚMERO IDENTIFICAÇÃO FISCAL)

Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, José Manuel Cerqueira **Colaboraram neste nº** - Marínez Bassotto, Tony Neves, Nivia Ivette Núñez de la Paz **Capa:** Fotografia de Jorge Pina Cabral – Arranjo de altar em Manila – Filipinas **Design:** Mário Ferreira **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito. O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



PÁSCOA LIBERTADORA

«NÃO TENHAM MEDO»

(S. MATEUS 28,10)

D. Jorge Pina Cabral

Uma vez mais as mulheres tomam a iniciativa e é a elas que Jesus ressuscitado se apresenta em primeira mão. Maria Madalena e a outra Maria conforme nos descreve o Evangelista S. Mateus, vencem receios e preconceitos e quando rompia a manhã de domingo, apresentam-se no túmulo para cuidar do corpo morto de Jesus. A sua ousadia e amor são recompensados, dado que se tornam as testemunhas da Ressurreição a quem cabe agora anunciar aos demais discípulos a Boa Nova de Cristo ressuscitado. A narrativa diz-nos que o encontro com o inesperado e o transcendente as deixa «atemorizadas e cheias de alegria». Descrição bela do Evangelista, que nos apresenta uma humanidade que, carregando o peso do temor e da sua própria finitude, não deixa, mesmo assim, de encontrar um sentido e uma esperança para o seu próprio caminhar. A essência da fé revela-se quando, no sombrio do medo e da tristeza, uma pequena luz de sentido e de esperança nos diz que é possível continuar a caminhar e a acreditar na vida e na humanidade, mesmo e apesar das cruzes que o caminho sempre nos apresenta. A fé em Jesus ressuscitado não afasta de nós o drama da nossa própria finitude corporal e o drama das tragédias horrendas provocadas pelo nosso pecado coletivo. Tão só nos permite reerguer a cabeça e acolher no mais íntimo do coração, uma presença divina, que se nos oferece por amor e que não nos deixa sozinhos, mas se disponibiliza sempre para conosco caminhar. A mensagem da Páscoa que celebramos quebra o pessimismo que por vezes rodeia a nossa fé e confere um sentido de vida plena e de alegria confiante ao nosso caminhar.

Estranhamente e continuando a seguir a narrativa da ressurreição segundo o Evangelista S. Mateus, Jesus ressuscitado aponta-lhes um caminho e uma direção inesperada: «vão para a Galileia e lá me hão-de ver». A Galileia dos gentios, do «povo que não conhece a lei», dos pecadores, dos desamparados. Jesus indica-lhes, como nos indica hoje a nós também, um rumo de vida que nos conduz mais para a periferia do que para o centro, para a novidade do que para a segurança daquilo que já dominamos e achamos seguro para o nosso próprio bem-estar. A novidade inaudita da ressurreição que se ofereceu às mulheres é a mesma novidade que agora se nos oferece, individual e coletivamente en-

quanto povo de Deus. Cabe-nos acolher o convite daquele que sabe o que verdadeiramente nos traz felicidade e sentido enquanto pessoas e enquanto família humana. Em Jesus ressuscitado tudo é novo e desafiante. Caminhar agora ao seu jeito é estar aonde ninguém quer estar e com aqueles que ninguém quer acolher. Esses têm nomes concretos e são os migrantes do nosso tempo, são as vítimas de discriminação sexual, são todos aqueles e aquelas que não se enquadram em normas convencionais e moralizadoras, são os que estão sós e desamparados. A dinâmica da ressurreição que celebramos é imparável e transformadora mesmo que se apresente discreta e vulnerável. Tendo em nós pelo batismo o Espírito de Jesus ressuscitado, somos também agora capazes de ousar, tal como as mulheres ousaram e souberam ir ao túmulo quando rompia a manhã de domingo.

Mesmo e apesar das imagens de destruição, morte e sofrimento que diariamente nos assaltam, importa continuar a discernir os sinais da presença de Jesus ressuscitado no nosso tempo. O olhar da fé que acolhe a realidade da morte e da guerra é também o mesmo olhar que não se deixando vencer é capaz de discernir o bom e o belo que estão inscritos no nosso quotidiano. É o olhar que se deixa comover e é capaz de derramar lágrimas de compaixão que o tornam mais límpido e solidário. É o olhar já transformado pelo amor e que se expressa numa contemplação que não se queda em si mesma e que resulta num agir consequente que gera felicidade ao jeito de Jesus.

A Páscoa não é uma mera celebração é antes todo um tempo que agora se nos oferece percorrer e testemunhar. O acolhimento da novidade requer agora o compromisso do caminho a ser feito com os outros e todos com Jesus. Com este propósito e na vivência litúrgica e comunitária, a Igreja oferece-nos a vivência de sete semanas do Tempo Pascal até ao Pentecostes.

Santo caminhar de Páscoa no acolhimento da novidade de Jesus ressuscitado!

+ Jorge

101.º

SÍNODO DIOCESANO

Lisboa • 4 a 6 de junho de 2026



CAMINHAR SINODAL

No contexto da preparação para o 101.º Sínodo Diocesano a ter lugar na Catedral de S. Paulo de 4 a 6 de junho próximo, realizou-se um encontro no Arciprestado do Norte que congregou 26 pessoas entre clero e leigos. Em jeito de introdução ao encontro, o Bispo Diocesano referiu a necessidade da Igreja, através da escuta da Palavra de Deus e da oração e no discernimento dos sinais dos tempos, saber identificar as prioridades de Missão que se lhe colocam. O bonito e desafiante tema Sinodal baseado no versículo «Eis que faço novas todas as coisas» do livro do Apocalipse apela ao acolhimento da novidade e do desafio que Deus sempre coloca ao caminhar do seu povo.

Neste sentido se pronunciou o Diácono José Manuel Cerqueira a quem coube a apresentação bíblica do tema ao referir que dada a sua natureza divina a Igreja está sempre em processo de contínuo ressurgimento colaborando com Deus e contribuindo para fazer novas todas as coisas, fazendo-se ela também sempre nova.

Como principais apontamentos dos grupos de reflexão sobre o tema que se seguiram à apresentação sublinhamos os seguintes:

- «É essencial ter o coração aberto à novidade e ao Novo, dado que hoje o Novo, é a outra raça, outras etnias, outras religiões, outras sexualidades, e termos, se necessário o coração aberto para revolucionarmos todas as nossas rotinas»;

- «Dar uma especial atenção ao acompanhamento e apoio aos que mostrem vocação para o Ministério Ordenado. Faltam tempos de silêncio, oração e discernimento vocacional»;

- «Uma dimensão do Novo na nossa Igreja é sem dúvida o trabalho do acolhimento e da integração do outro na comunidade»;

- «A Novidade presente na Palavra de Deus requer uma contínua formação espiritual e bíblica para os adultos»;

- «É reconhecidamente Novo para a Igreja Lusitana a criação de novas Missões, e Novas formas de servir e estar presente como as Lojas Sociais e os projetos com Migrantes»;

- «A valorização e uso do património da Igreja para fins de Missão»;

- «Revalorizar as Escolas Dominicais e continuar a sensibilizar os membros da Igreja para o dever da sua contribuição financeira».

Houve ainda tempo para apresentação do processo em curso de constituição de uma «Província Anglicana Ibérica» com a Igreja Espanhola Reformada Episcopal. Estão já marcados novos encontros no caminhar sinodal concretamente a 11 de abril no Arciprestado do Norte e a 18 de abril no Arciprestado do Sul.



ORDENAÇÃO DIACONAL DE NIVIA IVETTE NÚÑEZ DE LA PAZ

Realizou-se no passado dia 10 de janeiro e na Paróquia de Cristo em Oliveira do Douro a ordenação ao Ministério Diaconal da nossa Irmã Nivia Ivette Nuñez de la Paz. A ordenação presidida pelo Bispo Diocesano da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral, contou, com a presença da quase totalidade do clero da Igreja e convidados, nomeadamente a Reverenda Micheline Maca da Igreja Velho-Católica da Bélgica e do Reverendo Doutor Rudolf von Sinner da Igreja Luterana do Brasil, orientador da tese de Doutoramento da Diácona Nivia Ivette e que foi o pregador. A sua homilia centrou-se na reflexão sobre a importância e a responsabilidade do Ministério e do Serviço dentro e fora da Igreja. Esteve presente uma assembleia muito significativa incluindo um numeroso e festivo grupo de pessoas de diversas nacionalidades pertencentes à Missão Maria de Magdala em Praia de Mira, da qual a nova Diácona Nivia é coordenadora.

Seguindo a Ordem da Liturgia própria, a candidata foi apresentada ao Bispo pelo Vigário Geral da Igreja Lusitana, e Pastor da Paróquia de Cristo, Rev. Carlos Duarte. Depois de examinada e confessar publicamente o seu comprometimento, e a sua fidelidade às doutrinas, à prática da Igreja e obediência canónica, foi achada conforme para ser ordenada Diácona na Igreja Lusitana, o que aconteceu com o

solene momento da invocação dos Sete Dons do Espírito Santo a imposição das mãos por parte do Bispo e a colocação da respetiva estola. Sempre muito importante e simbólico é a entrega da Bíblia, com a promessa e exortação para o seu estudo e comprometimento de fidelidade à Palavra de Deus e do Livro de Liturgia da Igreja Lusitana como símbolo de Comunhão Diocesana e Ministerial. Seguiu-se a Celebração da Eucaristia.

Muito comovente foi a palavra que a nova Diácona dirigiu a todos, partilhando um pouco do seu percurso teológico, académico e do seu percurso de vida desde Cuba de onde é natural até à sua presença connosco. De salientar que entre a assembleia, estavam também outros amigos e amigas de língua hispânica, destacando-se especialmente a presença da sua mãe e seu marido. Foram entregues à nova Diácona alguns presentes e recordações. Esta Liturgia foi animada pelo organista de S. João Evangelista e respetivo grupo de Jovens. Seguiu-se um encontro fraterno de convívio informal organizado pela Paróquia de Cristo.

Foi um tempo de bênção eclesial, pelo qual damos graças a Deus, confiando o Ministério de Nivia ao Seu cuidado e orientação.



CELEBRAÇÃO DOS 150 ANOS *DE* S. PAULO

No domingo 8 de março e no contexto de uma celebração eucarística de ação de graças a paróquia de S. Paulo celebrou 150 anos de história. A comunidade episcopal reformada de S. Paulo foi estabelecida em 1876 pelo ex-padre católico Manoel António Pereira Jr, tendo começado a reunir num 2º andar da hoje rua da Moeda.

Após se ter integrado na recém-formada Igreja Lusitana em 1880 é em 1898 que a comunidade de S. Paulo se muda para as instalações do ex- Convento dos Marianos à rua das Janelas Verdes em Lisboa aonde se mantém até à atualidade. No decorrer da celebração comemorativa presidida pelo Bispo diocesano e atual pároco de S. Paulo, D. Jorge Pina Cabral, tomou posse a nova Junta paroquial para o biénio de 2026 a 2028. Seguiu-se um almoço comemorativo, com a presenças

de membros de outras paróquias lusitanas e no qual também se deram graças pelo aniversário, precisamente nesse dia, da Igreja Lusitana, que completou 146 anos.

Tendo já reunido, a nova Junta Paroquial definiu como prioridade o acolhimento e integração de novos membros, a abertura do templo e espaço da Catedral durante o período de Verão e a promoção de eventos culturais no complexo do Convento.

Especial cuidado e atenção serão dados à dinamização da Casa da Hospitalidade (a funcionar na Catedral) enquanto espaço de acolhimento e de serviço para todos os que a solicitarem.



FORMAÇÃO PARA A INCLUSÃO

Trinta e cinco pessoas provenientes de sete países têm vindo a receber formação de Português e de Inglês no âmbito dos projetos de acolhimento e integração de migrantes dinamizados pela Igreja Lusitana. Os três projetos desenvolvem-se nas paróquias de S. Paulo (Lisboa), S. João Evangelista (Vila Nova de Gaia) e Missão Maria de Magdala (Praia de Mira) e visam o facilitar da aprendizagem de línguas que ajudem à integração social e profissional. Fugindo ao modelo estandardizado da formação promovida pelas entidades oficiais, os encontros de formação ocorrem em horários flexíveis e têm procurado uma proximidade, capaz de identificar necessidades específicas apresentadas pelos alunos e de gerar laços de relação e de apoio entre todos.

Nas manhãs de sábado um grupo de mulheres e homens ucranianos orientados pelo professor Manuel Couto encontram-se na Igreja do Torne em Vila Nova de Gaia e aprofundam a sua integração na língua e cultura portuguesa. Uma das participantes referiu: «Estamos a aprender a língua portuguesa e fica mais fácil comunicar e viver em Portugal. Obrigada a Deus a quem damos sempre Glória e a todos vós pelo cuidado e amor que nos demonstram».

Também em Praia de Mira a Diácona Nivia Ivette Núñez de la Paz promoveu formação que permitiu uma maior integração de trabalhadores agrícolas

indianos e de cubanos. Mandeep Singh da Índia afirmou: «Com o grupo de estudo foi a primeira vez que tivemos contato direto com outras pessoas da localidade. A professora também se preocupa por nossos documentos e as nossas condições de trabalho no cultivo do morango ou quando ficamos doentes».

Com o objetivo de providenciar outra ferramenta de trabalho, iniciou-se na Paróquia de S. Paulo em Lisboa um curso de Inglês dirigido maioritariamente a pessoas do Brasil e de Angola que tem sido um espaço de encontro, partilha e fortalecimento de autoestima. A formação orientada voluntariamente por Rose Benitez tem promovido uma aprendizagem básica da língua Inglesa promovendo uma maior abertura e confiança para o falar desta língua em cada participante. Um dos alunos, Bruno Jesus, afirmou: «Estas aulas são muito importantes para mim, porque ajudam-me a comunicar melhor e a sentir-me mais confiante no dia a dia, e no meu trabalho como motorista da Uber. Aqui sinto-me acolhido e motivado a aprender».

O acolhimento e a promoção da integração dos migrantes são parte integrante da Missão da Igreja Lusitana.



SAGRADA FAMÍLIA COM JUNTA PAROQUIAL

Após um período longo sem Junta Paroquial a comunidade da Sagrada Família, em Pego Longo, Belas, elegeu no passado domingo dia 8 de março o elenco da Junta Paroquial para o biénio de 2026 a 2028. A nova Junta Paroquial presidida pelo Pároco Reverendo Eduardo Júnior é constituída por: Clementina Bondo Panda (Representante Paroquial), Júlia Marcolino Malaquias, Maria de Fátima Morais Mateus (Tesoureira), Rosa Pereira Duarte, Valdez Domingos Lopes (Secretário e Representante Paroquial).

Os membros foram empossados no decorrer da eucaristia de domingo dia 15 de março e definiram já um plano de missão com o objetivo de promover uma ação pastoral integrada, unindo espiritualidade, comunhão e intervenção social respondendo às necessidades da comunidade envolvente mormente os bairros do Pego Longo e do Mirante. Está prevista a realização de encontros comunitários visando a formação de jovens e adultos, uma caminha para reflexão espiritual, visita regular às famílias dos bairros adjacentes e constituição de grupos de oração e estudo bíblico. Por este novo desenvolvimento damos graças a Deus.



TESTEMUNH'ARTE

EVANGELIZAR PELA ARTE

Criado em 2017 e no seguimento de uma tradição teatral já existente no contexto da atividade da paróquia Lusitana de S. Tomé em Castanheira do Ribatejo, o grupo de teatro «Testemunh'Arte», tem vindo ano após ano, a realizar diversas apresentações em locais diferentes como Sintra, Carregado, Quintas, Lisboa e em muitos outros palcos para os quais são convidados. O objetivo é anunciar Jesus Cristo e a sua Boa Nova através da apresentação de peças que combinam a arte da representação com a animação musical muitas vezes sustentada em músicas originais e outras de carácter cristão. As peças já produzidas tem alternado diversos estilos tais como a comédia e o teatro musical. Recentemente e no início do ano, o grupo levou à cena uma nova peça da autoria de Sérgio Paulo Cabaço intitulada «PALAVRAS» sustentada nas palavras e mensagens mais conhecidas do ministério do Senhor Jesus. Esta última produção e num contexto internacional de guerra apresentou Jesus como o Príncipe da Paz que se faz sempre pre-

sente em qualquer situação do nosso caminhar de vida por muito conflituoso que seja.

O grupo tem tido a preocupação não só de integrar os membros da comunidade como promover uma renovação geracional integrando crianças e jovens como novos atores. As suas atuações promovem uma ambiência de felicidade e de renovado compromisso com Jesus Cristo. Do elenco fazem parte: Sérgio Paulo Cabaço (autor, encenador e intérprete), Ana Ferreira, Beatriz Levezinho, Isabel Glória, Nelson Alexandre, Rute Ferreira, Lilia Tenente, Emília Alexandre, Rafael Máximo, Margarida Carvalho, Silvia Breia (adereços) e Luiza Carvalho (som). De referir ainda a pessoa de Leonel Ferreira membro idoso da comunidade e que foi também um grande entusiasta deste projeto. Novos projetos estão já na calha como forma de continuar a Evangelizar através da Arte.



S. JOÃO EVANGELISTA BODAS *DE* OURO CELEBRADAS COM GRATIDÃO

No passado dia 6 de março, o casal Fernando Rui Soares e Ivone Maria Soares celebrou as suas Bodas de Ouro, assinalando 50 anos de matrimónio vividos com amor, dedicação e fé. A celebração teve lugar na igreja do Torne e foi presidida pelo pároco, que acompanhou este momento de ação de graças, recordando o caminho percorrido pelo casal ao longo de meio século de vida matrimonial iniciada precisamente nesta mesma Igreja.

Familiares e amigos juntaram-se para partilhar este dia especial, agradecendo a Deus pelo testemunho de união, fidelidade e compromisso que Rui e Ivone têm oferecido à comunidade ao longo dos anos.

Também e na vivência comunitária realce para a eleição e tomada de posse da nova Junta Paroquial

para o biénio de 2026 a 2028 que integra os seguintes membros : Fernando Rui Morais Soares – delegado paroquial, Joana dos Santos de Pina Cabral – delegada paroquial, Joaquina Rosa Ferreira Teixeira Morais, Joana Isabel Tavares da Luz Soares, João Pedro dos Santos Ribeiro Dias e Luís Alexandre Dinis Massa. A equipa agora empossada assumiu funções com o compromisso de servir a comunidade com zelo e dedicação ao longo dos próximos dois anos.

Que o Senhor ilumine o seu caminho e fortaleça o seu serviço, sempre orientado pelo amor e pela fé. De referir ainda e que no decorrer da Quaresma e às quartas feiras à noite, a Igreja acolheu os encontros de oração a nível de Arciprestado sob o tema : «Hábitos vivificantes para a Quaresma».



VIA SACRA ECUMÉNICA

Realizou-se na sexta-feira dia 27 de março, às 21h00, a primeira Via Sacra Ecuménica em Vila Franca de Xira que juntou cerca de duzentas pessoas.

A Via Sacra congregou as comunidades da paróquia Lusitana de S. Mateus e da Paróquia Católica Romana de São Vicente Mártir e outros cristãos que se juntaram a esta vivência concreta da Paixão de Jesus Cristo.

O percurso teve início na Igreja Matriz, seguindo pelo centro histórico e pelas principais artérias da cidade. Ao longo das 14 estações, foram lidos e meditados textos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, acompanhados por hinos do Hinário Salmos e Hinos e cânticos da

tradição católica. Muitas janelas exibiam colchas e velas, sinal de respeito e participação da população.

Um dos momentos mais simbólicos ocorreu diante dos Paços do Concelho, onde o Presidente da Câmara Municipal aguardou a passagem da procissão, com as bandeiras hasteadas, cumprimentando o clero das diferentes confissões cristãs.

A celebração terminou na Igreja de São Mateus, da Igreja Lusitana, com a Oração Solene de Sexta-feira Santa, a recitação do Credo de Niceia e a bênção final, sublinhando a unidade cristã e o espírito de comunhão que marcaram toda a iniciativa.



REDENTOR

RETOMA CELEBRAÇÃO ECUMÊNICA

No dia 19 de janeiro de 2026, na nossa Paróquia, teve lugar uma celebração ecumênica sob o lema «Luz da Luz para a Luz» no contexto da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2026. A celebração foi presidida pelo Pároco, Presbítero Pedro Fernandes, tendo junto de si o Bispo Dom Sifredo da Igreja Metodista, o Padre José Manuel da Igreja Católica Romana, a Pastora Ana Cristina, coadjutora da Igreja Metodista do Mirante e o Pastor (à prova) Jassen coadjutor da Igreja Metodista do Monte Pedral.

A homilia esteve a cargo do Bispo Dom Sifredo que explanou o seu conceito sobre o tema em causa, e fê-lo, como é seu timbre, com clareza na exposição, tornando fácil a apreensão da mensagem. Com esta celebração a paróquia reto-

mou a tradição de acolhimento de celebrações ecumênicas.

A 15 de março, quarto domingo da quaresma e domingo do doente e sob a presidência do Bispo Diocesano, procedeu-se à unção dos doentes numa ambiência de grande recolhimento e aceitação da Graça de Deus para o caminhar sofrido da vida.

Nesse mesmo dia a comunidade celebrou o 142.º aniversário da paróquia dando graças a Deus pelo testemunho fiel de quantos nos precederam. A acentuar esta festividade realça-se a reabertura da Escola Dominical e anúncio da gravidez da nossa irmã em Cristo, Teresa Alexandre.



UMA JORNADA PARA CRESCEREM COMO CASAL

Desde 1980, CANA é a missão da Comunidade Chemin Neuf ao serviço dos casais e das famílias. CANA tem as suas raízes na espiritualidade inaciana e na Renovação Carismática e exerce a sua vocação em cerca de 50 países em todo o mundo. Os programas CANA destinam-se a casais, casados ou não, de todas as confissões cristãs, sejam praticantes regulares, ocasionais ou não praticantes.

O objetivo é ajudar os casais a aprofundar a sua vocação matrimonial e a reforçar as suas bases, para uma união estável, duradoura e fecunda. As propostas CANA assentam numa pedagogia progressiva que respeita a liberdade de cada pessoa e trabalha todas as dimensões do ser humano, promovendo a sua integração harmoniosa. Todos os anos são acolhidas cerca de 15.000 pessoas de todas as idades. Aproximadamente 5.000 casais participam em grupos de fraternidade CANA, encontrando-se regularmente ao longo de um ou mais anos.

Uma das propostas mais procuradas é o “CANA Welcome”, que consiste na formação de grupos de 4 ou 5 casais que reúnem mensalmente, durante 9 meses, seguindo um programa já estruturado. Este percurso aborda diver-

sas temáticas relacionadas com a vida conjugal e propõe a mesma estrutura para cada encontro: um breve ensinamento apresentado por um dos casais, um tempo de diálogo em casal e um momento de partilha com os restantes casais. Este é um programa empoderador, que permite aos casais renovar energias e descobrir a sua vocação enquanto casais missionários.

Em carta enviada ao Bispo Diocesano, Marie Bourbonnais, líder na Comunidade Chemin Neuf da CANA Missão Internacional solicitou o acolhimento e o envolvimento da Igreja Lusitana nos programas propostos para os casais. Dada a sua mais valia e necessidade a solicitação foi bem acolhida não só numa perspetiva interna, mas fundamentalmente ecuménica. Inês Sá Couto e Paulo Sousa casal da paróquia Lusitana de S. João Evangelista, integram a equipa coordenadora do projeto a nível nacional e convidam desde já todos os casais a integrarem-se neste desafiante percurso de crescimento humano. Os contactos podem ser dirigidos a:

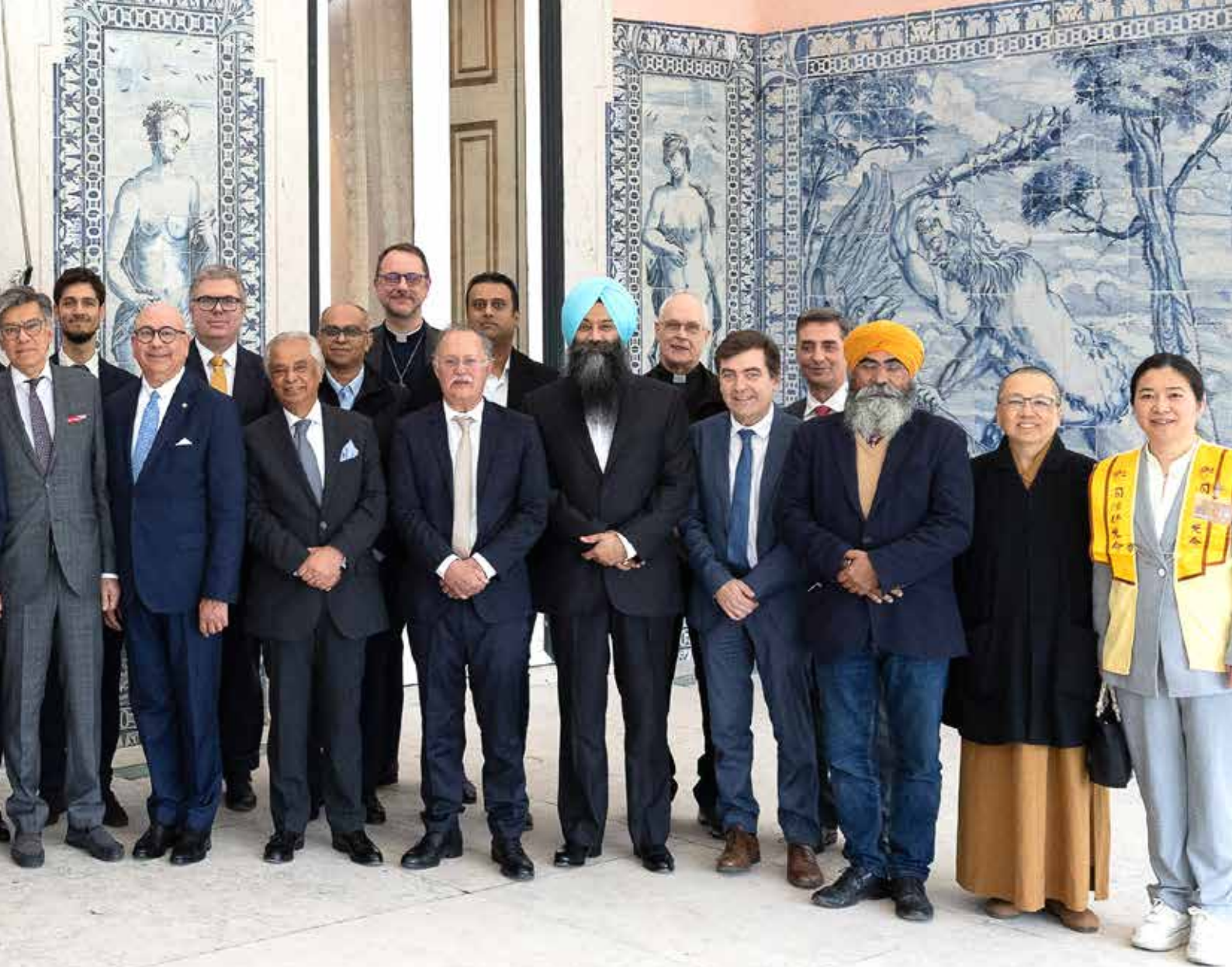
inesacouto@gmail.com e portugal.cana@gmail.com



REPRESENTANTES RELIGIOSOS NO

PALÁCIO DE BELÉM

"PORTUGAL AGRADECE-VOS"



Num dos seus últimos atos enquanto Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa convidou, no passado dia 2 de março, para uma sessão no Palácio de Belém, vinte e nove representantes de várias confissões religiosas registadas em Portugal. O objetivo do encontro foi o de agradecer aos líderes presentes e às religiões e igrejas por eles representadas, o papel único e insubstituível que têm na sociedade portuguesa e de um modo muito particular na integração dos migrantes. Tendo começado o seu primeiro mandato com uma oração inter-religiosa na Mesquita de Lisboa, o Presidente quis também e deste modo marcar a sua despedida junto do mundo religioso.

Ao longo dos seus dois mandatos, Marcelo Rebelo de Sousa promoveu e participou em diversos encontros e celebrações de cariz ecuménico e inter-religioso demonstrando o apoio do Estado às confissões religiosas. Esteve presente por três vezes na Catedral de S. Paulo da Igreja Lusitana em Lisboa, participando

numa celebração natalícia, na celebração dos 50 anos do Conselho Português de Igrejas Cristãs e na receção ao Sr. Arcebispo de Cantuária, Justin Welby. Visitou Igrejas de diferentes confissões, esteve presente em muitos locais de culto de diversas religiões levando sempre uma palavra de ânimo e particularmente o reconhecimento do Estado e dos portugueses às confissões minoritárias.

Na cerimónia em Belém, o Bispo da Igreja Lusitana teve a oportunidade de agradecer ao Presidente da República toda a proximidade e consideração por ele manifestadas que ajudaram à promoção e reconhecimento das confissões minoritárias pela sociedade em geral. Foi também a ocasião de ofertar um exemplar da liturgia da Igreja Lusitana bem como um exemplar da Carta Ecuménica Revista recém-lançada em Portugal.



BELFAST - ACC19

ACOLHE A COMUNHÃO ANGLICANA

A 19.^a reunião do Conselho Consultivo Anglicano (ACC-19) reunirá bispos, clérigos e representantes leigos de todo o mundo em Belfast, na Irlanda. Sob o tema «Chamados a uma única esperança», este importante encontro internacional irá explorar a forma como a Igreja pode partilhar o amor reconciliador de Cristo num mundo fragmentado. Na sua qualidade de Diocese Extra Provincial, a Igreja Lusitana foi convidada a enviar um representante ao ACC 19. Tendo em conta a diversidade de género e de idades, a escolha recaiu sobre o jovem Filipe Machado, membro da Coordenação do Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana. O Bispo da Igreja Lusitana estará também presente representando a Rede Lusófona da Comunhão Anglicana.

Atuando como um dos quatro Instrumentos da Comunhão Anglicana, o Conselho trabalha em conjunto com o Arcebispo de Canterbury, a Reunião dos Primazes e a Conferência de Lambeth. Juntos, estes órgãos apoiam a unidade cristã e servem a vida comum da Igreja. Reunindo-se de três em três anos, o Conselho proporciona um espaço vital para a reflexão teológica, a comunhão e o diálogo. O programa dedica tempo ao estudo da Bíblia, à receção de atualizações das Igrejas-Membro e à aprovação de resoluções que ajudam os anglicanos a colaborar na missão e no ministério.

Uma das propostas mais significativas a ser discutida, relaciona-se com a revisão dos instrumentos de

Comunhão. A Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO) foi convidada pelo Conselho Consultivo Anglicano, na sua reunião de 2023, a reconsiderar a estrutura e o processo de tomada de decisões para ajudar a resolver as nossas divergências na Comunhão Anglicana. Ao dar início a este trabalho, foi solicitado à IASCUFO que considerasse: «Em que medida os [quatro] Instrumentos são adequados ao seu propósito? Em que medida alguns (ou todos) os Instrumentos poderiam ser reconfigurados para servir a Comunhão de hoje e do futuro?». A Comissão publicou o seu relatório, «As Propostas de Nairobi-Cairo: Renovar os Instrumentos da Comunhão Anglicana», no Advento de 2024.

O Rev. Graham Tomlin, Presidente da IASCUFO, afirmou: «O trabalho e a reflexão das Propostas de Nairobi-Cairo sobre a identidade e as estruturas da Comunhão Anglicana recordam-nos que a Igreja é chamada a navegar pelas diferenças à luz do apelo de Cristo à unidade. As propostas procuram também responder fielmente à Comunhão Anglicana perante uma rápida mudança numa era pós-colonial. Enquanto nos preparamos para o ACC, aguardo com expectativa a oportunidade de partilhar o fruto do trabalho da IASCUFO, tal como apresentado nas Propostas de Nairobi-Cairo e no nosso documento complementar. No poder do Espírito de Deus, rezo para que possamos ter a coragem e a honestidade necessárias para lidar com as divergências profundamente enraizadas no seio da nossa comunhão, com a convicção e a obediência necessárias para responder ao apelo de Cristo.»



CARTA ECUMÉNICA

APRESENTAÇÃO EM PORTUGUÊS

A 20 janeiro passado na Universidade Católica em Lisboa ocorreu o lançamento da Carta Ecu­ménica revista na sua versão em Português. O evento congregou o Conselho Português de Igrejas Cristãs e a Conferência Episcopal Portuguesa entidades responsáveis pela edição em português do documento. Diversas intervenções permitiram perceber os objetivos da Carta Ecu­ménica e a sua atualidade para a Missão das Igrejas. Estiveram presentes responsáveis e membros de diversas Igrejas com apresentações feitas pelo Sr. Patriarca de Lisboa D. Rui Valério representando a Conferência Episcopal e o Presidente da Direção do COPIC D. Jorge Pina Cabral. Especial ênfase foi dado ao trabalho com os Migrantes já desenvolvido pelas Igrejas e uma das áreas de Missão que a Carta Ecu­ménica apresenta, através do testemunho da Diácona Nívia de la Paz da Missão Lusitana Maria de Magdala e da Diretora da Cáritas de Lisboa.

Na sua intervenção o Presidente do COPIC sublinhou que no atual contexto da sociedade portuguesa assume

particular importância para as Igrejas a defesa da dignidade humana e a proteção dos migrantes, a promoção da liberdade de expressão e o evitar da polarização, a valorização do papel dos jovens e a sua integração na sociedade, a promoção da mulher e a defesa das vítimas de violência doméstica, o cuidado pela Criação de Deus e a reflorestação das áreas ardidas e a promoção do diálogo inter-religioso enquanto fator de integração das minorias religiosas no nosso país.

Sublinhou ainda que a Carta Ecu­ménica comporta uma cultura nova de intervenção por parte das Igrejas e dos cristãos chamados a intervir publica e profeticamente nas questões que tocam diretamente a vida das pessoas e dos povos e a aliar ao discurso, um agir consequente sustentado nos valores do Evangelho de Jesus Cristo. O desafio que a Carta Ecu­ménica coloca é o de sempre que possível fazê-lo em conjunto e não isoladamente e fazê-lo também com todos os homens e mulheres de boa vontade nossos contemporâneos.

SOU SARAH SERVA DE JESUS CRISTO



Ao entrar pela Porta Oeste da Catedral de Canterbury, Sarah Mullally declarou: «Sou Sarah, serva de Jesus Cristo». E, no momento histórico em que se tornou a primeira mulher a ser empossada como Arcebispa de Canterbury, foi recebida com aplausos calorosos e entusiásticos. A sua instalação é um marco significativo para a Igreja de Inglaterra. Passaram 39 anos desde que as mulheres foram autorizadas a tornar-se diáconas, 32 anos desde que puderam ser ordenadas presbíteras e 12 anos desde que puderam ser bispas. A sua nomeação como líder da Igreja da Inglaterra e da Comunhão Anglicana em geral quebrou um teto de vidro que se mantinha há 1500 anos.

Numa entrevista na véspera da cerimónia, prometeu que parte da celebração de tomada de posse contaria com «as vozes das mulheres do início ao fim», e a sua presença foi proeminente. Cinco bispas de destaque da Igreja da Inglaterra permaneceram junto ao altar. Cinco bispas africanas rodearam-na na cadeira de Santo Agostinho.

Uma bispa luterana e a presidente da Churches Together in England, ambas mulheres, apresentaram-lhe o pacto ecuménico para que ela o assinasse. As mulheres do Coro Africano de Norfolk cantaram e dançaram a Aclamação do Evangelho. A Bispa do México, também mulher, fez a leitura do Evangelho.

A sua homilia feita no contexto da Festa da Anunciação sustentou-se no versículo «É que para Deus não há nada impossível» em Lucas 1, 37. Nela afirmou: «à medida que nos aproximamos da Semana Santa e da Páscoa, sabemos também que a jornada de Maria não foi fácil e que ela enfrentou desafios inimagináveis. A espada da dor e do sofrimento atravessou a sua alma como Simeão havia profetizado sobretudo ao pé da cruz. E, no entanto, até isso foi transformado em alegria e esperança pela ressurreição. Mas, no momento de encontro com o anjo antes que toda essa história se desenrole, Maria é convidada a abrir o coração, a oferecer-se e dizer: “Eis-me aqui.” e a colocar sua esperança nas palavras



do anjo: “Porque para Deus nada será impossível”.» Referindo-se ao doloroso contexto de guerra vivido a nível internacional disse: «*Alguns dos nossos irmãos e irmãs anglicanos não puderam estar aqui hoje por causa da guerra no Médio Oriente e no Golfo. Oramos incessantemente por eles, e por todos aqueles que vivem em zonas de conflito pelo mundo — na Ucrânia, no Sudão e em Mianmar — para que sintam a presença de Deus com eles, assim como oramos para que a paz prevaleça*».

Terminou a sua homilia com um apelo a todo o povo cristão a ter a ousadia de crer nas promessas de Deus dado que com Ele nada será impossível. Estiveram presentes representantes de um vasto leque de tradições religiosas, incluindo judaicas, sikhs, muçulmanas, budistas, hindus e jainistas, bem como líderes de todas as principais denominações cristãs em Inglaterra.

Na sua qualidade de Bispo da Igreja Lusitana, diocese extra provincial, cuja metropolita é a Arcebispa de Cantuária, D. Jorge Pina Cabral participou paramentado na celebração. No final sublinhou a sua emoção pela vivência de tão significativa e histórica celebração realçando a alegria natural e espontânea manifestada pelos presentes ao longo de toda a cerimónia. Referiu o carácter inclusivo da liturgia preparada, no modo como envolveu gerações diferentes, homens e mulheres, diferentes raças e culturas sublinhando ainda a dimensão ecuménica e inter-religiosa também presente. Um exemplo de como é possível celebrar a unidade na diversidade que naturalmente assiste a Criação de Deus.

QUEBRAR AS CORRENTES DA INJUSTIÇA

(ISAÍAS 58,6)

TEOLOGIAS DA MISSÃO HOJE

Como podem hoje, as igrejas da Comunhão Anglicana inspirar-se e encorajar-se mutuamente a reimaginar uma teologia missionária que tenha a justiça no seu cerne, face aos impérios, tanto do passado como do presente? Como pode o nosso discipulado cristão ser moldado pelo testemunho de cristãos de toda a Comunhão Anglicana, à medida que procuramos quebrar as correntes da injustiça que conduziram à guerra, à violência, à migração forçada e à emergência climática?

Buscando a resposta a estas questões, a Conferência Internacional da Sociedade Missionária USPG desenrolou-se em Manila nas Filipinas de 2 a 8 de fevereiro passado reunindo quarenta líderes anglicanos representando 31 países. A convite da USPG o Bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral participou no evento.

Promovida pela USPG a Consulta foi localmente organizada pela Igreja Episcopal nas Filipinas (ECP) e pela Iglesia Filipina Independiente (IFI) e incluiu uma mensagem da Arcebispa de Canterbury, Sarah Mullally.

A fim de acentuar o seu foco na quebra das correntes da injustiça, a Consulta explorou teologicamente três subtemas importantes que têm implicações para as reflexões missiológicas sobre a justiça, nomeadamente a língua, a terra e o legado. Diariamente e escutando apresentações de diferentes países e contextos culturais sobre cada subtema os participantes foram desenvolvendo uma teologia de Missão que agora se apresenta:

Língua: Para a Comunhão Anglicana, onde a «inglesidade» é implicitamente assumida como uma «marca» do anglicanismo, a questão da língua é importante. O subtema da língua criou a oportunidade de compreender e celebrar o papel e o lugar da vernacularização da fé cristã, da tradução do Evangelho e da indigenização da liturgia em várias partes da Comunhão Anglicana, bem como o seu papel na descolonização do cristianismo. Bons exemplos podem ser encontrados na África do Sul e em Aotearoa, Nova Zelândia, onde a importância do Te Reo Maori (a língua maori) tem sido afirmada.

Salientando que «a tradução é a língua original da religião no cristianismo», Lamin Sanneh escreve: «Deus não está mais longe nem mais perto do que a linguagem do discurso comum, o que torna a tradução uma salvaguarda contra o risco de os crentes se tornarem estranhos a Deus e

uns aos outros, e contra a redução dos crentes ao estatuto de meros clientes: a tradução existe para definir o fundamento da nossa adoção como filhos de Deus, um Deus que fala a nossa língua e que, ao moldar-nos nos sotaques do nascimento e da educação, nos chama a um propósito comum e unido»

O facto de a língua dominante em vastas partes do mundo ser uma língua colonial é um sintoma «de uma patologia colonial mais ampla». O colonialismo levou a cabo «um Pentecostes ao contrário», à medida que as línguas indígenas foram exterminadas, através de políticas educativas que impuseram a língua dos colonizadores como norma. Há muita verdade na afirmação: «à violência física do campo de batalha seguiu-se a violência psicológica da sala de aula» (Wa Thiong'o, *Decolonizing the Mind*, 1986, 9).

Terra: muitas das injustiças no mundo atual podem ser associadas à questão da terra. A ocupação (tanto atual como passada), as alterações climáticas, a apropriação de terras e o capitalismo extrativista que saqueia a terra, revelaram-se «cadeias de injustiça» em contextos como Israel-Palestina, Índia-Paquistão, Canadá, Aotearoa (Nova Zelândia), África do Sul, Zimbábue e os vários pequenos Estados insulares em desenvolvimento no Pacífico.

Tanto o colonialismo de exploração como o colonialismo de povoamento estão ligados à aquisição violenta de terras aos povos nativos, os habitantes originais e guardiões da terra. Hoje, sob o capitalismo global, a terra é considerada um objeto a ser explorado para maximizar o poder e os lucros. O desenvolvimento é transformado em arma através da apropriação de terras. As comunidades indígenas são desenraizadas das suas terras tradicionais.

Em muitos contextos, a missão da igreja consiste em estar solidária com as comunidades que lutam para proteger as suas terras da pilhagem. As teologias missionárias podem ser radicalmente repensadas, prestando especial atenção ao significado que a terra tem para a autocompreensão de muitas comunidades indígenas, bem como às lutas contínuas de muitas comunidades para proteger a terra como um dom de Deus, o criador tanto dos povos como do planeta. As histórias dos nossos irmãos e irmãs que entendem Deus como o dono de toda a terra e, por isso, entendem a terra como algo que pode ser usado para promover a justiça e o florescimento comum podem expandir os limites das nossas imaginações sobre a terra em relação à missão.



Legado: Para a USPG, a questão do legado ajuda a lidar com o seu envolvimento complexo e injusto (enquanto SPG) com a plantação de Codrington (nos Barbados), bem como com a história mais emancipatória associada à Missão Universitária para a América Central (UMCA). Ambos os legados se cruzam na USPG. Por conseguinte, o tema do legado ajudará a USPG a explorar o seu próprio foco missionário através da lente da justiça, à luz da sua história, para que a cura de passados fraturados conduza à possibilidade de um futuro partilhado marcado pela justiça e pela reconciliação.

Os legados do colonialismo continuam a moldar o nosso mundo, uma vez que o «Sul global» permanece numa situação de subordinação e desigualdade económica. Os legados do colonialismo permeiam muitos domínios da vida cristã. São resilientes na teologia, nas nossas mentalidades missionárias, na forma como o cristianismo é entendido e no racismo institucional que ainda prevalece no «Norte global». Em tais contextos, superar as tendências imperialistas e dominantes constitui um desafio missionário. Como é que aceitamos aquilo que é frequentemente percebido como uma «religião dos colonizadores»? Como é que aprendemos com as primeiras comunidades cristãs e fontes de fé que antecederam o colonialismo ou que possuem uma dimensão descolonizadora?

No comunicado final da Consulta, os líderes exortam a Comunhão Anglicana em geral a “discernir como as suas histórias e identidades estão entrelaçadas com questões relacionadas com a língua, terra e legado”. Eles convidam a Igreja em geral a expressar solidariedade “orando com e pelas comunidades que lutam por terra, língua e vida, e integrando essas preocupações na adoração e intercessão. Visitando e aprendendo com comunidades indígenas, afrodescendentes, migrantes e outras comunidades marginalizadas onde a voz de Cristo é ouvida na luta”.

Apelam também à Igreja em geral para que reveja os seus investimentos, propriedades, parcerias e currículos, a fim de garantir o alinhamento com o apelo do Evangelho para quebrar todas as cadeias da injustiça. O comunicado inspira-se no banig – um tapete filipino tecido pelo trabalho muitas vezes invisível das mulheres – uma metáfora para tornar visíveis experiências que são frequentemente esquecidas.

(texto sustentado no Concept Note e no Comunicado Final da Consulta Internacional)



COPIC

REFORÇA COMPROMISSO ECUMÉNICO

Mais de 20 delegados das 4 Igrejas constituintes do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC), estiveram reunidos no passado sábado 14 de março, na Igreja Metodista de Aveiro, para eleger novos órgãos diretivos e aprovar os diversos relatórios institucionais. A Assembleia reunida acolheu com particular agrado o registo do COPIC enquanto Pessoa Coletiva Religiosa a que se seguirá agora o processo da sua radicação.

O relatório de atividades apresentado espelhou um ano de 2025 pleno de significativas iniciativas ecuménicas com destaque para a celebração dos 1700 anos do Concílio de Niceia, o lançamento da Carta Ecuménica revista e a apresentação pública do projeto Eco-Igrejas Portugal que reúne diversas Igrejas e movimentos. Como prioridades de atuação futura foi apontado o trabalho com os migrantes, o trabalho com jovens ao nível do meio

ambiente e o convite a outras Igrejas e organizações cristãs a integrarem o Conselho, dado ser o único organismo em Portugal cuja missão primeira é a promoção do Ecumenismo.

O estudo e a aplicação dos compromissos da Carta Ecuménica recentemente assumidos serão também trabalhados em conjunto com outras Igrejas. O clero e os pastores das Igrejas constituintes estarão em retiro e formação no próximo mês de outubro. No seguimento do estipulado nos Cânones foram eleitos os novos órgãos diretivos para o triénio 2026 a 2029. Da parte da Igreja Lusitana foram eleitos: Bispo Jorge Pina Cabral (Presidente da Direção), Reverendo Sérgio Alves (Tesoureiro), Reverendo Pedro Fernandes (Vogal do Conselho Fiscal) e Richard Domingues (Secretário da Mesa da Assembleia Geral).

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS '26



MENSAGEM DE PÁSCOA

«SE CRISTO NÃO RESSUSCITOU, A VOSSA FÉ É VÃ...»

(1 CORÍNTIOS 15, 17)

Como podemos celebrar a Páscoa numa época em que os gritos de alegria são tão frequentemente abafados por gritos de desespero? Há tantas vítimas da guerra, da injustiça económica, da violência sexual, da opressão política, das catástrofes climáticas e da perseguição religiosa que merecem ser lamentadas. Será que podemos celebrar a Páscoa de forma autêntica sem abordar estes sofrimentos?

A Páscoa é a pedra angular da nossa fé como cristãos. É a grande fonte de esperança nestes tempos conturbados. Jesus inspirou profundamente as pessoas do seu tempo quando proferiu palavras de amor e de esperança, quando tocou as pessoas com as suas mãos curativas, quando reuniu pessoas de origens muito diferentes numa única comunidade amorosa. Elas podiam sentir a presença do próprio Deus.

Numa época de ocupação e opressão política, Jesus abriu uma janela para um mundo em que todos os seres humanos, criados por Deus em igualdade, viveriam com dignidade. A esperança começou a espalhar-se. No entanto, surgiu então a grande desilusão. Prenderam Jesus. Torturaram-no. Ele foi condenado à morte e clamou: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» Era uma situação de desespero. Mais um líder moral e espiritual inspirador na história do mundo que, no final, falhou. Mais uma esperança frustrada, como já vimos tantas vezes e estamos a ver tão claramente diante dos nossos olhos nestes dias de guerras, conflitos, violência e catástrofe climática.

No entanto, chegou então o terceiro dia, a experiência das mulheres junto ao túmulo de Jesus, que mudou tudo. Quando elas chegaram com as suas lágrimas para chorar, o túmulo estava vazio. Encontraram o Jesus vivo. Conta-

ram a história aos discípulos. Superaram a sua descrença e espalharam a boa nova por todo o mundo, de modo que hoje um número incontável de pessoas, muitas delas também em situações desesperadas, celebra a Páscoa, a festa da ressurreição de Jesus, e confia na sua promessa de estar connosco «sempre, até ao fim dos tempos» (Mateus 28, 20). A morte não terá a última palavra. A última palavra é a vida.

A Páscoa não promove uma pacificação espiritual perante um sofrimento que, de outra forma, seria insuportável. A morte e a ressurreição de Jesus estão indissociavelmente ligadas à sua vida de amor, reconciliação e justiça. Por isso, a nossa fé pascal na ressurreição não é apenas uma grande fonte de esperança, mas também um protesto contra a negação da dignidade e da humanidade, expressa na guerra agressiva, na propagação do ódio e do desprezo contra grupos inteiros de pessoas, e em pecados como o racismo, o antisemitismo, o nacionalismo ou a xenofobia.

Os cristãos são pessoas que vivem de uma mensagem que conduz à vida – uma vida cheia de esperança no Cristo Ressuscitado que venceu o pecado, o sofrimento e a morte.

Que possamos celebrar esta Páscoa como um momento de certeza de que, em todos os abismos que atualmente vivemos no mundo, há mais por vir. E que não é um buraco escuro para onde estamos a caminhar, mas um novo céu e uma nova terra, nos quais todas as lágrimas serão enxugadas. Esta perspetiva continua a unir-nos na nossa comunidade eclesial global. Ela liga-nos a todas as pessoas nesta terra, que, tal como nós, foram criadas à imagem de Deus.

Feliz Páscoa!



E é a partir desta realidade (da floresta amazônica, da sua biodiversidade e das suas populações indígenas) que eu quero refletir sobre o significado da Terra, tendo em mente 3 pontos: 1) nossa conexão com a terra; 2) a sacralidade da terra; e 3) o direito ao território.

Em Gênesis 1 e 2 - Ao olharmos para os relatos da criação, não encontramos uma descrição científica, mas uma verdade teológica profunda sobre quem somos e onde estamos. Do Barro à Vida: como nos indicou o professor Jione, a Terra é um Ventre Sagrado e Criadora. No primeiro relato da criação, muitas vezes focamos apenas no poder da palavra divina ("Deus disse"). No entanto é fundamental destacar que Deus convoca a terra para participar do ato criativo. Deus disse: "Que a terra produza seres vivos conforme a espécie de cada um..." (Gênesis 1:24). Aqui, a terra não é um palco passivo onde Deus coloca objetos prontos. A terra recebe um mandato de fecundidade. Ela é convidada a gerar.

O segundo relato da criação (a tradição javista) nos leva para uma intimidade poética e concreta: "Então Deus modelou o ser humano com o barro da terra, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o ser humano tornou-se um ser vivente". (Gênesis 2:7). Se somos feitos da Adamah, carregamos a marca da terra em nossos próprios corpos. Somos a terra que anda, que pensa, que ama. A nossa "filiação divina" (Imagem de Deus - Imago Dei) não anula a nossa "filiação à terra". O sopro divino nos anima, mas o barro nos consti-

tui. A terra é o útero de onde a biodiversidade emerge sob a bênção divina. Nossas teologias tradicionais nos levam a entender ou imaginar o ser humano separado da natureza, ou do restante da criação como se fôssemos seres celestiais presos em corpos materiais. Não somos "almas com corpos", somos corpos animados pelo Espírito. A nossa substância é a mesma da onça, da samaúma e do rio, no contexto amazônico.

Tradicionalmente, a teologia ocidental separou o Criador da criação, e nos fez acreditar em um Deus Criador independente em relação às criaturas, em uma alteridade inflexível, gerando uma visão hierárquica e de gênero que colocou o ser humano em uma posição de domínio sobre a criação e tem ao longo dos séculos gerado práticas patriarcais na Igreja e na Sociedade. No entanto, a sabedoria ancestral dos povos indígenas da Amazônia (e de outras partes do mundo) nos desafia a repensar essa relação. Os povos originários nos ensinam uma cosmovisão onde tudo está intrinsecamente conectado, em uma "teia vital" na qual os seres humanos não são superiores, mas parte de uma complexa rede de relações em uma profunda sacralidade.

A Terra respira sacralidade. As florestas, os rios, as pedras, os animais – tudo é visto como Sagrado. Esta compreensão nos leva a um ponto de vista ecocêntrico, onde a criação é inerentemente unificada, e tudo o que tem vida

A TERRA A PARTIR DA **AMAZÔNIA**

"DO SENHOR É A TERRA E TUDO O QUE NELA EXISTE."

(SALMO 24:1)

é interdependente. Aprendemos que a relação com a terra nunca é extrativista ou predatória; ela é de respeito e coexistência. A floresta não é um "recurso" a ser explorado, mas uma parceira de Deus que continua gerando vida. Destruir, degradar, poluir a terra é, portanto, silenciar e ferir o próprio Deus Criador.

Para os povos originários na Amazônia, a terra é Tekohá na língua guarani, significa "o lugar onde somos o que somos" ou "lugar de ser". É o território, lugar que representa o espaço tradicional onde exercem seus costumes, língua e conexão com a natureza. O território jamais é visto como propriedade privada, ele é coletivo, jamais individual. Na concepção e sabedoria milenar dos povos indígenas, o Tekohá é a base das relações sociais e o espaço para conviver. O território onde habitam, a terra ancestral é a casa que acolhe os seus conhecimentos, as suas tradições, e é a própria extensão de seus corpos.

Há em algumas etnias indígenas na Amazônia a tradição de enterrar o cordão umbilical do bebê ao nascer, como um sinal/sacramento de pertencimento à Terra. Quando é perguntado a uma pessoa destas etnias: De onde vens? Ela responderá venho de onde meu cordão umbilical está enterrado. Nossa teologia colonial não nos ensinou a olhar para a terra como nosso ancestral comum. Não nos conduziu a perceber essa ligação, a compreender em profundidade essa relação do nascimento até quando o ciclo da vida se completar num mesmo processo de crescimento e morte, as teologias coloniais não entendem o respeito às forças da natureza como parte de uma compreensão da vida a partir da qual todos os seres estão ligados por uma mesma conexão ancestral e inquebrável com a Terra.

Para concluir eu quero afirmar que a maior riqueza da Amazônia são seus povos: são as populações indígenas,

quilombolas e ribeirinhas. É esse conjunto de populações tradicionais que, apesar das pressões da especulação fundiária e imobiliária, ainda mantêm um estilo de vida tradicional baseado na pesca e no extrativismo sustentável. Os povos indígenas e as populações tradicionais da Amazônia, alinham ao seu modo de vida conhecimentos e sabedorias ancestrais que contribuem para a conservação do bioma e, manutenção dos ecossistemas. Os povos da Amazônia são importantíssimos na preservação e cuidado da floresta e são a chave para uma mudança de comportamento, de mentalidade e até mesmo de espiritualidade que são necessários para paramos as mudanças climáticas.

Diante disso as Igrejas cristãs e organizações baseadas na fé tem um papel profético. Não podemos ser apenas observadores; devemos ser agentes de mudança. Isso significa atuar como pontes, facilitando o diálogo e a busca por soluções que respeitem tanto o meio ambiente quanto a dignidade humana. Precisamos mobilizar nossas comunidades de fé, inspirando-as a se tornarem defensoras ativas da criação de Deus, nossa Casa Comum, e realizar ações concretas de proteção ambiental e justiça social. Não existem 2 crises: uma crise climática/ambiental e uma crise social – a crise que estamos vivendo é socioambiental. A justiça climática só será alcançada quando os direitos territoriais e culturais dos povos originários e tradicionais forem plenamente reconhecidos e respeitados.

Marinez Bassotto

*Bispa diocesana da Diocese Anglicana da Amazônia e
Bispa primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.*

*(extrato da Comunicação intitulada «Sobre a Terra a partir da
Amazônia» apresentada na CONSULTA INTERNACIONAL 2026 DA
USPG realizada em Manila, Filipinas, 10 de fevereiro de 2026)*

RESSURREIÇÃO E MISSÃO DA IGREJA

Há horas que avalio como providenciais. Num fim de tarde de novembro 2025, recebi no aeroporto de Roma o D. Sifredo Teixeira que vinha participar na cerimónia oficial de aprovação conjunta da revisão da Carta Ecuménica Europeia. Num fim de tarde de março 2026, estava eu já sentado no Salão Nobre do Instituto de Santo António dos Portugueses, em Roma, para a apresentação do meu livro 'A Missão de Servir', quando olho o WhatsApp e vejo o convite de D. Jorge Pina Cabral para escrever uma reflexão sobre Ressurreição e Missão. O conteúdo da Carta Ecuménica revista e algumas das citações que fiz na apresentação do livro ajudam-me a refletir sobre este grande tema.

A nossa Missão de cristãos

Como cristão, celebramos a Páscoa e testemunhamos a Vida Nova de Cristo. A Carta Ecuménica Europeia (2001), após esta importante e desafiante revisão de 2025, aponta-nos os caminhos da missão que hoje devemos percorrer juntos. O mundo está a mudar: 'a crise climática se tornou mais urgente; a guerra, os deslocamentos, a pobreza, o populismo, o uso indevido da religião e muitas dificuldades interrelacionadas causaram grande sofrimento e elevada angústia' (nº 11). A seguir a Carta afirma: 'a nossa missão hoje é testemunhar a nossa fé, envolvendo-nos no diálogo, mesmo para além das relações inter-cristãs'. Por isso, a revisão da Carta obrigou a criar novos capítulos 'sobre a paz e a reconciliação, sobre as migrações, as novas tecnologias e os jovens' (nº12).

Os cristãos confessam 'uma Igreja una, santa, católica e apostólica'. Por isso, 'a tarefa ecuménica primordial é mostrar essa unidade'. A conclusão torna-se simples: 'estamos prontos a anunciar a Boa Nova(...) e a anuncia-la juntos. (...) O que partilhamos juntos é mais profundo e maior do que tudo o que nos separa' (nº16). O ecumenismo está no ADN das Igrejas e 'começa com a renovação dos nossos corações, criando uma cultura de amor e promovendo a hospitalidade e a confiança' (nº20). Há que estimular as Igrejas a prosseguir o diálogo entre elas, 'a promover a cultura ecuménica e a cooperação em obras de caridade, iniciativas de justiça social e educação, formação e investigação cristãs e teológicas' (nº21). É também urgente – diz a Carta – 'defender o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião (...), denunciar comportamentos abusivos (...), estabelecer em conjunto culturas de acolhimento, proteção, bondade, verdade e paz' (nº23).

Interessante e novo é o capítulo dedicado às novas gerações porque 'os jovens não são apenas o futuro, mas também o presente das igrejas e do ecumenismo' (nº25).

Ao aprofundar o ponto sensível das 'esferas de encontro na Europa', a Carta defende: 'estamos convencidos de que a herança espiritual do cristianismo constitui uma fonte de inspiração e enriquecimento para a Europa. (...). Trabalhamos em prol de uma Europa humana e socialmente consciente, na qual prevaleçam os direitos humanos e os valores fundamentais da paz, da justiça, da liberdade, da tolerância, da participação e da solidariedade' (nº28).

A denúncia do extremismo religioso também é evocada (cf. Nº30).

O diálogo inter-religioso surge como espaço privilegiado de missão nos tempos que correm. Diz a Carta: 'Estamos gratos pelas muitas formas de diálogo inter-religioso na vida, na ação, no intercâmbio teológico e na experiência religiosa' (nº33). Pede compromissos no 'procurar e promover o diálogo com os muçulmanos a todos os níveis' (nº34), bem como o diálogo mais abrangente 'com todas as pessoas de boa vontade' (nº35).

Nas 'áreas de responsabilidade e compromisso partilhados, refere-se o 'lutar pela paz e pela reconciliação', uma vez que 'a guerra e a violência são uma derrota para a humanidade' (nº36). Há que 'salvaguarda a Criação', havendo a lamentar a 'exploração excessiva dos bens d terra que leva à crise ecológica(...), a necessidade de uma conversão ecológica (...), proteger a nossa casa comum' (nº 38). Tal exige a adoção de um estilo de vida sóbrio, para construir um mundo mais justo e sustentável.

Outro desafio é 'acompanhar os migrantes, refugiados e deslocados (...), denunciando qualquer forma de migração forçada, escravidão moderna ou tráfico humano(...), porque cumprimos o imperativo cristão de estender a hospitalidade aos estrangeiros, exortando todas as pessoas a acolher, proteger, promover e integrar os migrantes' (nº41), resistindo á xenofobia.

Finalmente, há que utilizar corretamente as novas tecnologias, a que hoje chamamos de inteligência artificial: 'comprometemo-nos a promover a literacia digital e o envolvimento crítico com as tecnologias'(...) para que estejam alinhadas com o bem comum, aprimorem a busca pela verdade e estejam enraizadas no respeito pelo valor e pela dignidade de todos os humanos' (nº45).

Celebrar a Páscoa hoje

Nessa noite, em Roma, citei diversos autores, mas começo por Cristina Inogés-Sanz, uma teóloga católica espanhola,



Casa do Encontro nos Camarões - padre católico com pastor protestante.

muito controversa, que ousou escrever, no fim da Assembleia Sinodal sobre Sinodalidade na Igreja católica:

‘Agora é o tempo de discernir a Igreja que temos e não queremos, a Igreja que temos e queremos e a Igreja que queremos e ainda não temos!’. Confesso que eu não encontrei nada mais desafiante do que esta afirmação para cruzar Ressurreição com Missão.

A Páscoa, celebração profundamente ecumênica, convida-nos para um banquete especial. E aí também me veio à memória a citação que fiz do escritor nigeriano Chinua Achebe: "Um homem que chama os seus amigos para um banquete não o faz para salvá-los da fome. Todos eles têm comida na sua própria casa. Quando nos reunimos na aldeia enlutarada, não é por causa da lua. Todas pessoas podem vê-la no seu próprio quintal. Nós nos reunimos porque é bom fazê-lo. Então, vamos continuar com o espírito de equipe e aproveitar o poder da união. Se sorrimos juntos, não é porque não temos problemas, mas porque somos mais fortes que os problemas".

Páscoa rima com Vida em abundância. Mas os tempos que vivemos, à escala do planeta, mostram-nos mais morte e violência. Por isso, faz todo o sentido recuperar a citação que fiz de Martin Luther King ao lamentar-se: ‘Aprendemos a voar como os pássaros e a nadar como os peixes, mas ainda não aprendemos a viver como irmãos’. Citei, de seguida, também sobre a Paz, - grande fruto pascal - , o Papa Leão que tem lançado gritos estridentes a pedir paz e a denunciar os interesses escondidos atrás das armas que matam: ‘Aos governantes repito: ouçam a voz da consciência! As aparentes vitórias obtidas com as armas, semeando morte e

destruição, são na realidade derrotas e nunca trazem paz e segurança! Deus não quer a guerra, quer a paz, e apoia aqueles que se empenham em sair da espiral do ódio e percorrer o caminho do diálogo’ (Angelus 7 set 2025).

No fim da minha intervenção, naquele Nobre Salão em Roma, contei a história verídica que se passou com o Bispo D. Manuel António Santos, em S. Tomé e Príncipe: ‘Um belo dia, à hora do almoço, apareceu uma Irmã com um bolo e o Bispo perguntou:

- Um bolo, mas que festa é hoje?

Respondeu a Irmã Religiosa:

- Vocês, europeus, fazem bolos quando há festa. Nós, aqui, em S. Tomé, fazemos bolos quando há farinha!’

Em síntese: A Missão dos cristãos, de todos, implica um testemunho-anúncio da vitória pascal de Cristo sobre a morte, sobre todas as formas de morte. Não esperemos as festas para fazer bolos. Façamos da vida quotidiana uma festa contínua, pois haverá sempre ótimas razões para celebrar!

Desejo a todas e todos uma Páscoa cheia da Vida do Cristo Ressuscitado, vencedor de todas as formas de morte.

Tony Neves, Missionário Espiritano - Roma

A PÁSCOA

TEMPO *HUMANO* — TEMPO *ESPIRITUAL* — TEMPO *SEM TEMPO*

Escrevo estas reflexões tendo na memória o texto do Evangelho do III Domingo da Quaresma:

Jesus, uma mulher e um poço

1. Tempo Humano

Em João 4:5-26, Jesus encontra-se com uma mulher da cidade de Samaria. O cenário deste encontro é um muito venerado poço, que não sendo literalmente citado no Antigo Testamento, “sugere” que tinha ficado na posse de Jacob quando ele comprou um campo. Este poço está hoje na cripta de um Mosteiro Bizantino, na cidade de Nablus, na Cisjordânia. Os poços eram lugares de encontro e convívio e essenciais para a sobrevivência de pessoas, animais, e agricultura. Eram também lugares de conflito, onde se declaravam guerras e onde se assinavam alianças de paz.

Quando os Filisteus atacaram a Terra Prometida, uma das primeiras coisas que fizeram, foi tapar os poços com terra em sinal de extermínio, opressão, controle e domínio. Foi junto a um poço que um servo de Abraão escolheu Rebeca para desposar Isaac dizendo-lhe: “ora deixa-me beber uma pouca de água do teu cântaro. Ela disse: Bebe, baixou-o e deu-lhe de beber.” (Gén.24). Ao fim de toda uma História entre seres humanos, poços e água, conflitos e reconciliações, amores e ódios, este encontro entre Jesus e a mulher de Samaria, lido no contexto da Quaresma, prepara-nos para a Páscoa.

Ali junto das águas turvas dos nossos poços humanos, para onde atiramos as nossas limitações e pecados ou afogamos o melhor que há em nós, encontramos-nos com Cristo que nos convida a purificar os nossos pensamentos, corações e atitudes. A Páscoa é Tempo Humano em que sentimos a Salvação na nossa mente e no nosso espírito.

É no tempo Humano que Cristo nos salva de nós mesmos!

2. Tempo Espiritual

Em 2ª de Reis 3 encontramos Eliseu que era um homem fascinante. Este capítulo é a narrativa de um conflito entre três reis: Jorão de Israel, Josafat de Judá e Mesa dos Moabitas. Por extraordinário que pareça, o conflito passa-se mais ou menos às portas de Samaria! Estava tempo de seca e sol ardente, e Josafat diz: “Não haverá aqui algum profeta para que por ele

possamos consultar o Senhor? Um escravo respondeu: aqui está: Eliseu.”

Após um momento tenso entre todos, Eliseu sob as ordens de lavé diz: “fazei neste vale muitas covas (poços). Não tendes visto vento nem chuva, todavia, este vale se encherá de tanta água, que bebereis vós, e o vosso gados e vossos animais (...) e a terra se encheu de muitas águas...”. Estas “muitas águas” eram naquele momento improváveis, diante do calor, do sol e da seca. Mas o improvável acontece contra todas as expectativas.

No Domingo de Páscoa, de manhãzinha, ainda com o Sol a despontar, ainda o jardim estava sob a frescura da noite e antes do calor do sol o fustigar é que da morte, que era um poço sem fundo, surge o improvável, surge a vida em toda a sua plenitude. Sucedem-se acontecimentos contra todas as expectativas quando Deus se aproxima, de nós e nos d'Ele. A laje vazia, a ausência do corpo do Senhor, as águas calmas do lençol dobrado, fazem com que o sepulcro se torne para nós poço horizontal, e três dias de espera tornam-se Tempo Espiritual.

Mas no entanto a Ressurreição do Senhor nesse dia de todos os dias, na manhã de todas as manhãs, lembra-nos também e para já que a qualquer momento também nós vamos ser lançados nesse “poço”. A nossa passagem do tempo Humano para o Tempo Espiritual é inevitável. Mas já podemos viver com sentido um tempo e outro. Antes de morrermos já sentimos uma vida nova, porque metade do nosso ser habita por antecipação no Tempo do Espírito. A morte para nós já não é um poço sem fundo, ou como entendeu Paulo quando escreveu o inseto mesquinho da morte perdeu o “ferrão com que contaminava tudo e todos.

O Tempo da Espiritualidade Humana nunca mais será o mesmo!

3. O Tempo sem Tempo

O encontro com a mulher de Samaria é marcado pelo cansaço de Jesus. Vinha da Judeia. Constava-se que batizava mais discípulos que João Batista - num apontamento misterioso, o texto diz-nos que não era Jesus que batizava, mas os seus discípulos. Jesus chega cansado junto do poço. Talvez cansado do caminho, do calor, ou por causa da irregularidade da estrada. Mas tenho para mim que talvez também cansado



da mesquinhez dos que se sentam a contar discípulos na roda dos escarnecedores estatísticos.

A nossa tradução informa que o encontro foi ao “meio-dia”. O original grego não diz isso, mas que “era a hora sexta”. A hora em que o Sol está no zénite e é abrasador. Traduzir: “era meio-dia” é medir o Espírito com um método humano muito questionável e duvidoso, e tanto serve para países frios como quentes, é quase como dizer que estava na “hora do almoço”, o que é um erro grave! Traduzir por “era meio-dia” significa tentar evitar o “Tempo sem Tempo” em que Jesus se move. Em oposição à “hora do meio-dia” que é Tempo Humano, a “hora sexta” é tempo Espiritual! É a hora do Espírito. No Evangelho de João o Tempo Humano, e o Tempo Espiritual irão dar lugar ao Tempo sem Tempo, que é onde Deus Pai, Filho e Espírito Santo se move em nós e para nós. A “hora do almoço” está longe de ter a importância da “hora sexta”. A “Sexta hora do dia” transporta-nos para o Tempo Espiritual da Crucificação. É nessa hora que Cristo, também cansado mas pronto para reentrar no Tempo do Pai, diz: “Tenho Sede”. É ali na cruz com este pedido que se encerra o círculo do Tempo Humano e do Tempo Espiritual, para se abrir a nós o “Tempo sem Tempo”. No poço sentiu sede humana de água, na cruz sente sede espiritual por nós.

É para dar resposta a essa sede, que logo ali naquela hora Ele mesmo se torna, no poço da água da Vida, quando pela lança, do seu lado sai sangue tornando-se Eucaristia, e quan-

do pela lança, do seu lado sai água tornando-se Batismo. Antes de passar para o plano do Tempo sem Tempo, faz-nos herdeiros dos Sacramentos. Pelo nascimento entra no Tempo Humano, pela morte entra no Tempo Espiritual e pela Ressurreição torna-se Ele mesmo Senhor do Tempo sem tempo, aquele pelo qual esperamos, onde já não haverá nem sol, nem lua, nem morte, nem dor, nem pranto.

A humanidade já tem muito pouca noção do Tempo de Deus, nem se deixa encontrar por Ele, quer seja por falta de tempo, ou por estar convencida que é proprietária do Tempo de Deus. Ele é que se deve adaptar aos nossos planos, prazos e metas.

A vida e a Ressurreição do Senhor não estão hoje nos desejos nem nos planos da esperança humana, ou estão muito pouco! A Ressurreição do Senhor não passa de uma vaga memória que habita os cemitérios e a morte dos outros. Mas é nessa manhã de Páscoa que pela porta da Ressurreição de Cristo, podemos avistar o Tempo sem Tempo, por agora ainda ao longe.

O Tempo sem contagem da Vida Eterna, em que finalmente

Ele será tudo em todos e para todos.

Feliz Páscoa.

Reverendo Diácono José Manuel Cerqueira



FATHER FORGIVE
FOR
ALL HAVE SINNED AND COME SHORT OF
THE GLORY OF GOD

CRUZ DE PREGOS

PASTORAL DA RECONCILIAÇÃO

Após um amplo processo de oração e diálogo a Comunidade da Cruz de Pregos internacional (CCN – The Community of the Cross of Nails) reconheceu, em novembro de 2023, o Capítulo da Cruz de Pregos da Missão Maria de Magdala, sendo o primeiro em solo português.

O legado do Reverendo Juan Ramón de la Paz Cerezo, relativo à formação da missionária Nivia Ivette e a sua participação no Capítulo da Cruz de Pregos da Catedral Episcopal em Havana, proporcionou esse reconhecimento e posterior desenvolvimento desta Pastoral da Reconciliação no seio da Igreja Lusitana.

A CCN é uma rede ecuménica mundial constituída por mais de 280 Igrejas, Instituições de Caridade, Capelanias, Centros de Construção de Paz, entre outros.

Todos inspirados pela história da Catedral de Coventry (UK): de destruição, reconstrução e renovação. Esta Comunidade tem três princípios orientadores:

1. Curar as feridas da história
2. Aprender a conviver com as diferenças e celebrar a diversidade
3. Construir uma cultura de justiça e paz.

Três pregos formam nossa cruz, pregos que foram tomados de um altar destruído pelas bombas em 1940 e que se converteram num símbolo que chamou à não retaliação, que apelou, no meio do conflito, ao diálogo e à paz. Imbuídos desse mesmo espírito testemunhamos hoje!

Guiados pelas palavras de “Pai, perdoa-nos”, na Missão Maria de Magdala, rezamos a Litania da Reconciliação regularmente às sextas-feiras ao meio-dia, e de maneira especial unimo-nos à Comunidade Internacional por Zoom, nas primeiras sextas-feiras de cada mês, às 11h.

Como comunidade de pessoas migrantes entendemos e vivenciamos a reconciliação em três níveis: pessoal, comunitário e planetário. Mantemos vínculos de companheirismo, oração e comunhão com:

- o Capítulo da Cruz de Pregos da Catedral em Havana;
- Cuba (Lic. Madeleine da la Paz Cot);
- Capítulo da Primeira Igreja Batista, Matanzas, Cuba (Pastor Orestes Roca);
- Igreja Episcopal Jesus de Nazaret, Orlando, EUA (Presbítera Maytee de la Torres).

Maria Magdalena, discípula e primeira testemunha da Ressurreição inspira-nos à persistência e à responsabilidade.

Advogar pela Reconciliação e a Paz num mundo imerso, cada vez mais, em ódios, guerras e mortes, é a nossa missão.

Reconhecemos que só na unidade, que respeita a diversidade, podemos dialogar e transformar vidas e contextos. Esta é a nossa espiritualidade e esperança. O nosso caminho é permanecer em unidade, orando, construindo pontes de solidariedade, acreditando e testemunhando que as relações entre seres humanos, entre países, entre os seres humanos e a criação de Deus podem e precisam estar pautadas pelo amor.

Reverenda Diácona Nivia Ivette de La Paz



PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA

TUI → SANTIAGO DE COMPOSTELA



DISTÂNCIA

120 km



24 a 28 de agosto 2026

Caminhar com sentido

"Mostra-me, Senhor, os teus caminhos."

Salmo 25,4

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES EM
PEREGRINACAO.IGREJA-LUSITANA.ORG



ARCIPRESTADO NORTE DA IGREJA LUSITANA

